

Distorções da Comunicação no Sistema Familiar: O Duplo Vínculo

Ivanda Séfora de Magalhães Medina¹

Rebeca Fernandes Ferreira Lima²

Resumo

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica que teve o objetivo de compreender a comunicação patológica no duplo vínculo, identificando seu impacto na saúde mental de um membro familiar. Para tanto, apresentou-se reflexões acerca da perspectiva sistêmica da família, seus processos comunicacionais e as consequências para um membro familiar entrelaçado em uma comunicação disfuncional de duplo vínculo. Nas famílias com membro esquizofrênico percebeu-se a presença de um discurso paradoxal, com divergência entre a comunicação verbal e não verbal, bem como a impossibilidade de comunicar sobre a comunicação, ou seja, a impossibilidade de metacomunicar do integrante adoecido. Concluiu-se que uma comunicação paradoxal e constante, advinda de pessoas que tenham função importante na vida dos filhos, é potencial para diversas problemáticas psicológicas, dentre elas a insegurança emocional e afetiva, bem como dificuldades de enfrentamento das adversidades da vida.

Palavras-chave: Família. Comunicação disfuncional. Duplo vínculo.

¹ Aluna. Formação em Psicoterapia do Grupo Familiar. E-mail: isefora21@gmail.com

² Orientadora. E-mail: rebecafflima@gmail.com

Abstract

This work is a bibliographical review that aimed to understand the pathological communication in the double bind, identifying its impact on the mental health of a family member. In order to do so, we presented reflections about the systemic perspective of the family, their communicational processes and the consequences for a family member intertwined in a double bind dysfunctional communication. In families with a schizophrenic member, the presence of a paradoxical discourse was observed, with divergence between verbal and non-verbal communication, as well as the impossibility of communicating about communication, that is, the impossibility of metacommunicating the sick member. It was concluded that a paradoxical and constant communication, coming from people who have an important role in the children's lives, is potential for various psychological problems, among them emotional and emotional insecurity, as well as difficulties facing the adversities of life.

Keywords: Family. Dysfunctional communication. Double bind.

Introdução

O sistema familiar é composto por membros ligados pela consanguinidade e/ou afetividade e que exercem uma forte influência entre si (Wagner, Tronco, & Armani, 2011). De acordo com a Perspectiva Sistêmica, concepção esta que fundamenta a construção teórica deste estudo, a família é um sistema aberto que faz parte de um macrosistema, desse modo está em constante interação com outros sistemas, tais como escola, trabalho, entre outros.

Essas interações entre pessoas e contextos têm como base a troca de informações (Beavin & Jackson, 1967; Watzlawick, Beavin & Jackson, 2008). Assim, a comunicação é um fenômeno essencial nas relações interpessoais tão importantes para a vida humana, inclusive entre o subsistema marital formado pelos cônjuges e o subsistema filial formado pelos filhos, que se relacionam entre si e com outros sistemas extrafamiliares através do processo comunicacional. Salienta-se que é a partir da comunicação que os sujeitos são inseridos culturalmente na sociedade, sendo a família o núcleo base de transmissão de valores, regras e normas, em uma rede interligada de informações intra e extrafamiliares (Minuchin, 1982).

A partir desse pressuposto sistêmico, a autora deste estudo notou que em seus atendimentos consultoriais como psicóloga, emergia de maneira efetiva e constante, problemas de cunho comunicacional que traziam sofrimento intenso ao paciente em tratamento. Por esse motivo, foi entendido como imprescindível um trabalho que trouxesse maior conhecimento sobre o fenômeno da comunicação, já que esta é responsável pelas trocas relacionais entre os subsistemas e entre estes com sistemas maiores, podendo assim influenciar no desenvolvimento dos indivíduos.

Nessa experiência clínica da autora, percebeu-se que uma comunicação disfuncional ou patológica no sistema familiar promove comportamentos também disfuncionais de seus membros. Sabe-se que um processo comunicacional distorcido afeta negativamente seus

membros, “comprometendo a identidade pessoal, o pensamento reflexivo e o desenvolvimento intelectual e socioafetivo dos familiares” (Boechat, Cabral, & Souza, 2015, p. 228).

Diante da premissa supracitada e da necessidade de aprofundamento teórico acerca dos processos comunicacionais potencialmente negativos à saúde e bem-estar dos membros familiares, esta pesquisa problematizou a seguinte questão: como a comunicação disfuncional ou patológica pode comprometer a interação familiar e desencadear comportamentos disfuncionais?

Em vista do exposto, este estudo teve como objetivo compreender a comunicação patológica no duplo-vínculo, identificando seu impacto na saúde mental de um membro familiar. Para tanto, apresentou-se o grupo familiar como sistema, discorrendo sobre os aspectos comunicacionais humanos e o comprometimento do sujeito frente a uma comunicação paradoxal na interação de duplo-vínculo.

Este estudo baseou-se em pesquisa bibliográfica, a qual buscou nas proposições dos estudiosos da terapia familiar sistêmica e da comunicação humana subsídios que forneceram o material para reflexão a fim de contribuir para a literatura acerca da importância de uma comunicação satisfatória entre os membros do grupo familiar, ressaltando-se que processos comunicacionais disfuncionais podem comprometer a saúde psicossocial das pessoas.

A Família como Sistema Dinâmico

A concepção epistemológica inicial que separa o homem de seu meio, tratando-o como uma esfera deslocada, não traduz a correta interpretação. O homem está dentro de um contexto, participando dele, modificando-o e sendo modificado através da retroalimentação cibernética, isto é, “o estudo dos mecanismos de *feedback* em sistemas que se auto-regulam” (Nichols, 2007, p. 101). Esse mecanismo de *feedback* informa ao sistema familiar se o

caminho percorrido por ele está correto ou incorreto em busca de sua homeostase, possibilitando sua auto-regulação em relação a outros sistemas e a si mesmo.

Por interagir com seu meio, o homem passa a ser visto como um ser relacional, necessitando estar em grupos para alimentar essa necessidade existencial, utilizando a linguagem para atribuir significado à comunicação. Nesse sentido, Wynne (1980 citado por Boechat, Cabral & Souza, 2015) afirmou que o desejo de relacionar-se é constitutivo do homem e que sua identidade encontra-se em permanente formação, recebendo estímulos do grupo familiar ao qual pertence, bem como dos sistemas externos com os quais interage, tal como trabalho, entre outros.

Desde os tempos mais remotos, a necessidade de viver em grupos é uma característica que rege o homem. Com ênfase na sobrevivência, manter-se em grupo seria a maneira de garantir segurança contra as adversidades. Reuniram-se, inicialmente, em clãs e tribos para, posteriormente, iniciarem o processo de aglomeração em grupos menores, chamado de família. Além da organização pela sobrevivência, Elkaim (1998) citado por Morais e Rondina (2007) ressaltou a importância do sistema familiar na formação da identidade do sujeito, através do sentimento de desprender-se e de pertencer-se dos valores, normas e demais instrumentos que organizam a socialização desse sujeito. Diante desses pensamentos, nota-se que o grupo familiar possui forte influência na formação de seus membros, os quais se constituem em constantes trocas relacionais.

No que refere ao grupo familiar, este é composto de pessoas unidas por laços consanguíneos e/ou afetivos, compreendido como um sistema em constante movimento que se auto-regula em busca de sua estabilidade (Yngaunis, 2011). Nesse sistema aberto, o comportamento de um membro afeta aos demais e vice-versa, formando uma teia relacional de envolvimento mútuo. A interação dos membros pertencentes a um núcleo familiar torna-se possível devido à capacidade de comunicar implícita nas relações humanas, além dos laços de

afetividade envolvidos, formando um sistema complexo que fundamenta a existência humana, com suas regras e normas internas.

Para conhecer os padrões de funcionamento desse sistema, Bertalanffy (1950) citado por Nichols (2007), baseou-se na teoria dos sistemas como fundamento para a compreensão do grupo familiar como um sistema. Neste viés, a soma dos vários subsistemas forma um todo complexo, porém ao se separar esses subsistemas e estudá-los separados, percebe-se que a soma desses subsistemas não compõe esse mesmo todo. Verifica-se a existência de características presentes na estrutura do sistema como um todo, mas que inexistem quando se decompõe esse todo em membros isolados. Este autor afirmou que “um sistema como mais do que a soma de suas partes” (p. 106). Portanto, para se compreender um sistema familiar é necessário considerar todos os seus membros na perspectiva de uma teia de relacionamento, tendo como foco os padrões de interação entre eles.

Ainda em seus estudos, o pesquisador acima, além de analisar as características próprias da dinâmica familiar, ressaltou os aspectos intrafamiliares, considerando a família um sistema aberto e influenciado pelo meio social, cultural, político e histórico no qual está envolvido, realizando trocas entre si. Sabe-se que toda e qualquer mudança do macrosistema de inserção, este provocará uma reação no sistema familiar. Por isso, a necessidade de também conhecer o contexto em que a família está inserida e, assim, compreender as influências que interferem em seu equilíbrio estrutural ou emocional.

Osório (2009) acrescentou aspectos peculiares presentes no macrosistema, tais como miséria econômica e a falta de funcionamento de políticas públicas eficazes que interferem diretamente na homeostase do grupo familiar. Essas adversidades são potenciais para o comprometimento de vínculos satisfatórios que comportem a necessidade de segurança do sujeito no âmbito social. Isto pode repercutir negativamente na família, produzindo a fragilização das relações dentro desse sistema e interferindo diretamente na formação da

identidade desse sujeito. Portanto, salienta-se a visão da família para além da função de proteção, mas como aquela responsável por “formar ou destruir, dar identidade ou desintegrar o indivíduo em formação” (Osório, 2009, p. 32). Ao considerar-se que a família pode atuar tanto como fonte de proteção como de risco, destaca-se a necessidade de um olhar complexo da família, em que a compreende em suas dificuldades, bem como em suas potencialidades promotoras de comportamentos, seja saudáveis ou disfuncionais (Lima & Morais, 2015).

Além do âmbito sociocultural, percebe-se a necessidade de se olhar os membros familiares no que se refere a um apoio subjetivo para elaboração de sua identidade. De uma maneira mais intensa, o afeto e o diálogo são muito importantes na formação da identidade do sujeito, bem como em qualquer fase do ciclo vital da família, no sentido da constituição e manutenção dos arranjos familiares (Osório, 2009).

Ainda em seus estudos sobre o funcionamento do núcleo familiar, Nichols (2007) destacou que, para equilíbrio no sistema familiar, retratando uma formação adequada da identidade de cada membro, é necessário a presença de uma comunicação que objetive a exposição clara das mensagens entre eles, visando o apoio necessário para as trocas entre seus membros. Destaca-se, assim, a necessidade de uma comunicação clara, na qual os membros utilizem vários repertórios comunicacionais. Por exemplo, os *feedbacks* devem ser utilizados para diminuir dúvidas na comunicação ou mesmo para compreensão das regras familiares, visto que a comunicação clara entre os membros de uma família é importante para a manutenção e o equilíbrio do sistema familiar, bem como o desenvolvimento saudável de cada participante desse sistema.

Aspectos que Compõem a Comunicação Humana

A comunicação humana é o elo que une os diversos sistemas humanos e, para isto, sua compreensão deve ser clara para que não haja dúvidas e não comprometa o sentido das

mensagens enviadas. O funcionamento adequado das regras e normas desses sistemas, bem como a saudável interação entre eles depende da maneira como a comunicação é efetuada.

Apesar de estarmos em constante comunicação, não temos consciência de sua estrutura básica, das regras que a constituem, por isso torna-se necessário expor sobre alguns aspectos que envolvem a comunicação humana.

A comunicação abrange o aspecto verbal ou digital e não verbal ou analógico composto por símbolos, posturas, gestos e silêncios que são utilizados por nós, seres humanos, para estabelecer relações, funcionando como transmissão e recepção de mensagens. Para que essa interação seja feita a contento, a comunicação deve ser coerente para que a transmissão da mensagem seja concebida e respondida de maneira compreensível. É importante salientar que o conteúdo das mensagens emitidas e a relação dos membros envolvidos são conhecidos através do processo da comunicação humana (Satir, 1976; Watzlavick et al., 2008).

Watzlawick et al. (2008, p. 58) afirmou que “o homem é o único organismo conhecido que usa os modos analógico e digital de comunicação”. Torna-se claro que, se toda a comunicação engloba o conteúdo e a relação, então podemos admitir que a comunicação constitui-se dos aspectos digitais e analógicos, complementando-se. O aspecto analógico possui origem na maneira primitiva de comunicação do homem, pois independente da linguagem, da semântica convencional para cada região, ela consegue ser apreendida independente do continente. Por exemplo, animais compreendem o humano através do aspecto analógico que acompanha a fala, não pelo significado das palavras.

Como o processo linguístico foi criado a partir da interação humana e da necessidade de interagir, a comunicação verbal pode apresentar diferentes significados para um mesmo símbolo ou diferir quanto aos contextos culturais. Uma palavra pode significar um sentido

num contexto e, em outro contexto, a mesma palavra pode ter outro sentido, bem diferente do primeiro.

É necessário compreender que as palavras não são apenas instrumentos de comunicação. Por se situarem em diferentes níveis de abstrações, por exemplo, existem palavras para objetos, para a relação entre eles, palavras para explicar um estado interior, para dar significados, sendo compreendidas também como abstrações necessárias à comunicação, pois caso contrário, as pessoas tenderiam a generalizar. “Todo mundo é assim”. “Ninguém gosta de mim.” Todos os homens são...” (Satir, 1976, p. 110).

À proporção que as palavras vão se tornando mais abstratas, tornam-se mais difíceis de uma legítima compreensão entre o que envia e o que recebe a mensagem, pois algumas palavras possuem diferentes significados, mudando totalmente o sentido da questão. “Por exemplo, se B nos pergunta: A que classe vocês pertencem? Não fica explícito se ele está nos perguntando em que matéria estamos inscritos na escola ou sobre nossa posição social” (Satir, 1976, p. 109).

Contudo, salienta-se que a comunicação não só transmite informações, mas define a relação. O conteúdo das mensagens mostra qual tipo de relação a sucede. Numa relação adoecida, identifica-se uma disputa entre a natureza da relação, colocando-se em segundo plano o conteúdo da comunicação e evidenciando-se a relação numa perspectiva de dominação ou submissão do outro (Watzlavick, 2008).

De acordo com o autor supracitado, não existe a possibilidade de não comunicar, pois toda palavra, silêncio e gesto possuem valor de mensagem, por isso sempre estamos comunicando algo. Trata-se de uma mensagem enviada por um emissor a um receptor, independente do vocabulário ou gestos utilizados. Comunicar também é um comportamento, o que significa que, se é impossível não comunicar, também é impossível não se comportar.

A comunicação sugere um comportamento quer seja essa forma de interação com palavras ou simples gestos, até mesmo com o silêncio.

Para fundamentar esse raciocínio, os estudiosos acima mencionados pontuaram o comportamento isolado do esquizofrênico como uma maneira de isolar-se do mundo, num contexto de não comunicar-se, não trocar mensagens com o mundo externo, fechando-se em seu mundo particular, através de seu silêncio e isolamento. Porém, mesmo assim, se defronta com a impossibilidade de não comunicar, pois seus gestos e atitudes comunicam seu desinteresse em estar no mundo, negando que não está comunicando.

É importante ressaltar que esse fenômeno do silêncio ou isolamento social não está presente somente na esquizofrenia, mas em qualquer sujeito que não deseja interagir com o outro. Tentando não comunicar, porém, acaba comunicando que não tem interesse na interação.

Outro fenômeno que impede a clareza da comunicação é a desqualificação da mensagem do emissor, através de frases incompletas, metafóricas e contraditórias, ou seja, maneiras obscuras de transmissão da mensagem, com o desejo de diminuir o valor de uma informação ou interação. Moraes e Rondina (2007) compreenderam que toda comunicação não clara quando intensas e repetitivas ou proferidas por pessoas de referência, dão origem a um vasto número de psicopatologias que acometem o sujeito.

Nos subistemas maritais é comum encontrar patologias comunicacionais através da escalada simétrica de frustrações e da complementaridade rígida (Watzlawick et al. 2008). A escalada simétrica de frustrações diz respeito a quando os parceiros desencadeiam discussões até sentirem-se cansados, dando uma trégua para a próxima discórdia, assim “a patologia caracteriza-se por uma guerra mais ou menos aberta ou cisma” (p. 96). Já a complementaridade rígida é quando há uma desconfirmação constante do outro e que não

vislumbra uma maneira diferente de comunicar-se, mantendo-se preso nesse aspecto e, portanto, perpetuando-se os conflitos conjugais.

Satir (1976) e Watzlavick et al. (2008) concordaram que não existe uma comunicação totalmente clara e objetiva, visto que esse processo contém abstrações de seu conteúdo subjetivo, o que a caracteriza incompleta em diversos graus. Portanto, se o receptor da mensagem também apresentar um modelo disfuncional de comunicação ele poderá concordar com o emissor. Mas, se este apresentar uma comunicação funcional poderá questionar o emissor para que ele clarifique sua mensagem, por exemplo: “o que você quer dizer quando afirma que...?” (Watzlavick et al., 2008, p. 112).

Esses estudiosos citaram a metacomunicação como importante nesse processo, pois comunica sobre a comunicação, empoderando os comunicantes a questionar a respeito de uma comunicação incompreendida, a fim de esclarecer a respeito da mensagem. Para pesquisadores como Leitão (2007) e Van Eemeren et al. (1996 citado por Boechat, 2015) existe também a metacognição. Isto é, pensar sobre o que é pensado, que se traduz no processo reflexivo pela argumentação de alguma temática. O processo reflexivo de argumentar e contra argumentar promove um deslocamento da cognição (pensar sobre) para a metacognição (pensar sobre o que se pensa de algo).

Compreende-se que a metacognição e a metacomunicação estão intimamente ligadas, já que para metacomunicar, muitas vezes, necessita de argumentos que defendam ou que se tornem aceitáveis um ponto de vista, que é o próprio processo reflexivo ou metacognição. A capacidade de reflexão possibilita comunicar sobre a comunicação, o que é muito importante para o benefício de uma comunicação clara que se traduz numa compreensão melhor da comunicação e, assim, a conquista de relações saudáveis.

De acordo com Boechat (2015, p. 234), o fenômeno do duplo-vínculo “compromete a metacognição, ao desconsiderar a metacomunicação”. Ou seja, quando o sujeito torna-se

impedido de comunicar a respeito de um incômodo originado na comunicação do emissor da mensagem, que o deixa em uma situação desconfortável e imobilizado, diante as contradições da própria mensagem.

Duplo Vínculo: uma Comunicação Paradoxal

Velho (2007), Benoit (1982) e Costa (2003) compreenderam que o ponto fundamental do estudo sobre o duplo vínculo se deu a partir das experiências de Bateson, na década de 50, com os esquizofrênicos, em uma perspectiva psiquiátrica, no contexto da sua comunicação e seus familiares.

Yngaunis (2011) verificou que a presença de mensagens confusas, contendo significado oposto e que impede o cumprimento dessa mensagem pelo receptor, dá-se o nome de duplo vínculo, pois se refere a uma comunicação de cunho paradoxal, na qual o emissor ou protagonista informa um conteúdo que possui em si duas mensagens contraditórias, provocando no receptor uma incapacidade de realizar a solicitação. São mensagens proferidas pelos pais, irmãos ou parentes com uma função importante na vida do sujeito, necessitando uma constância na repetição e que apresentam de maneira verbal ou não verbal, uma ameaça a segurança, abandono ou perda do amor dessas pessoas.

Costa (2003) ao estudar sobre a interferência da comunicação na formação de um quadro de transtorno mental, afirmou que é esperado o surgimento de um grau de patologia quando há uma quebra nos padrões estabelecidos da comunicação, na interação mãe e filho. Esse estudioso mostrou em seus estudos, que em um nível de patologia mais complexa, os sintomas apresentados podem levar a classificação de transtorno esquizofrênico.

Evidencia-se com esses estudos, a existência da patologização no duplo vínculo, iniciando como uma dificuldade de colocar-se perante ao outro, com dificuldades em expressar sentimentos, com dúvidas em relação às próprias sensações e sentimentos, podendo

evoluir para um grau mais complexo que é a esquizofrenia, transtorno mental crônico com a presença de delírios, alucinações, comportamentos inadequados ou estático, e em uma conjectura de distanciamento do mundo externo.

Quando essas mensagens são iniciadas na tenra infância, torna-se mais difícil o sujeito conseguir identificar o que acontece e desvencilhar-se dessa teia adoecedora, onde aprende a viver e perceber o universo sem conseguir identificar a correta interpretação ao seu redor. Nos esquizofrênicos, os conflitos podem vir por meio das vozes alucinatórias, como um a resposta a esse aprendizado.

Além disso, a pessoa que recebe a mensagem sente-se incapacitado de perguntar ou solicitar maiores informações a respeito, ou seja, metacomunicar. Essa incapacidade de questionamento é implantada na relação de maneira constante e sutil, deixando o receptor dessa mensagem em profunda angustia emocional, criando uma situação de paralisia e intenso sofrimento.

As mensagens contraditórias, emitidas por pessoas significativas afetivamente, promovem o não reconhecimento do sujeito, ampliando esse espectro que fragiliza os mecanismos internos de autodefesa. Essas mensagens podem ser contraditórias no aspecto verbal, mas também entre o aspecto verbal e não verbal o que torna mais confuso para o receptor da mensagem, por exemplo, quando uma pessoa diz algo verbalmente, mas nega o que foi dito em sua mensagem corporal. A compreensão da mensagem fica obviamente truncada e incapaz de ser entendida.

É necessário saber que a mensagem não verbal ou analógica, possui grande impacto na comunicação, apresentando maior relevância no contexto, o que faz com que seja necessário uma congruência entre as duas comunicações para evitar impasses ou desconfirmação da mensagem verbal, o que também caracteriza a mensagem de duplo vínculo.

A questão ontológica do duplo vínculo foi identificada por Velho (2007) quando relatou que não seria somente uma questão comunicacional, mas por ser inevitável e contínua sairia da esfera da Psicologia da Comunicação, englobando também a esfera ontológica, sendo um fenômeno inerente ao ser humano: “A natureza é uma filha da mãe duplo-vinculante” (Bateson & Bateson, 1987 citado por Velho, 2007).

Watzlawick et al. (2008, p. 197) não confere ontologia ao duplo vínculo, porém, ressalta a presença de “alguma lei fundamental da existência”, já que o efeito paralisante do paradoxo não envolve somente humanos, mas também animais menos desenvolvidos que o homem.

De acordo com Benoit (1982), outro aspecto que retrata a comunicação paradoxal é o distanciamento relacional entre mãe e filho. Isto é, quando a mãe comunica a partir de suas expectativas emocionais, realizando projeções sobre o filho, acrescido de um distanciamento do pai que não interfere nessa relação e não clareia essa mensagem aos dois, mãe e filho. Esse padrão comunicacional tem como consequências a desqualificação mútua do discurso entre os membros da família, a falta de responsabilização por um dano, a não formação de alianças e a incapacidade de instituição de regras no contexto familiar.

Costa (2003) ressaltou a importância do comportamento da mãe ao se comunicar com o filho para sua definição emocional. Se a mãe possui uma angústia por temer intimidade e aproximação com o filho, ela se afastará, colocando no filho essa necessidade como sendo dele. Ao perceber que esse afastamento pode traduzir-se em uma mãe ausente ou hostil, a genitora tenta uma aproximação simulando afetividade. Isso imposto ao filho, de uma maneira sutil, provoca nele uma sensação de incômodo, sem deixar que o mesmo consiga denominar o que lhe acontece nessa relação. Assim, imprime nele uma impossibilidade de comunicar sobre ou de questionar a respeito, fazendo com que tente responder da melhor maneira que convém à mãe.

Essas mensagens disfuncionais conduzem a uma confusão subjetiva que pode ocasionar distúrbios da fala, pensamento ou ações, levando a respostas disfuncionais pela “dissimulação, negação e o afastamento comportamental por inibição relacional” (Benoit, 1982, p. 32). O olhar na comunicação entre os envolvidos nessa relação mãe e filho é uma maneira de compreender com clareza a relação simbiótica na qual estão expostos e como isso gera uma comunicação disfuncional na família.

A origem da relação conflituosa entre mãe e filho pode derivar, de acordo com Laing (1971 citado por Benoit, 1982), de uma transmissão de códigos familiares repassados de geração para geração, o que evidencia um contexto transgeracional na comunicação patológica, demonstrando que há um padrão de comunicação repassado entre gerações familiares.

É notória com essa leitura a existência de relações conflituosas, permeadas por subjetividades frágeis, que tentam dar conta de suas contradições e desencontros internos, em uma comunicação indefinida e/ou paralisante, no sentido de permanecer na situação a que está confortavelmente acostumado. O medo do próprio enlouquecimento define o outro como tal e ameniza esse sofrimento interno.

No caso de comportamentos esquizofrênicos, o sujeito não consegue compreender o sentido das expressões emitidas para si, tentando interpretar de sua maneira própria de defesa, que seria criando uma sensação de que algo está por trás das palavras para incriminá-lo, ou mesmo evitando qualquer ação que expresse relação com o mundo externo, silenciando sua voz. Contudo, Watzlawick et al. (2008, p. 194) frisou que o duplo vínculo não é a causa da esquizofrenia, mas que nos estudos com esquizofrênicos e sua família, percebeu-se que a “a dupla vinculação se converteu no padrão predominante de comunicação”.

Os sentimentos de raiva, desespero, medo e angústia emergem quando há utilização do duplo vínculo, pois prende o sujeito em uma situação controladora, de difícil resolução.

Essa comunicação paradoxal trás intenso sofrimento emocional e pode prejudicar o desenvolvimento saudável do membro familiar a curto e a longo prazo, ocasionando no sujeito dificuldades em lidar com resolução de conflitos, falta de confiança em si mesmo, na tomada de decisões, inabilidade em definir metas, retraimento social, insegurança frente as adversidades da vida.

Considerações Finais

Este estudo de revisão da literatura teve o objetivo de compreender a comunicação patológica no duplo-vínculo, identificando seu impacto na saúde mental de um membro familiar. Para tal, utilizaram-se as proposições dos estudiosos da terapia familiar sistêmica e da comunicação humana.

A perspectiva sistêmica da família que fundamenta a visão da família como um sistema aberto – ou seja, que estabelece uma constante troca de informações com outras pessoas e contextos pertencentes ao meio intrafamiliar e extrafamiliar –, permitiu evidenciar a importância dos padrões comunicacionais que regem essas interações. De tal forma, que o aspecto comunicacional utilizado no sistema familiar é de grande relevância para a condução de relacionamentos saudáveis e menos disfuncionais.

Conclui-se que a etiologia de muitos comportamentos disfuncionais dos membros familiares inicia-se a partir da comunicação inadequada entre os membros familiares. Os pais, ou pessoas que assumam essa função, ou que tenham grande significância para os filhos, introduzem essa comunicação no contexto familiar, causando insegurança cognitiva e emocional, inabilidade para resolução de conflitos, dificuldade de acreditar em si mesmo, dificuldade em definir metas e inadaptabilidade social. Essa comunicação paradoxal também se encontra presente nas famílias de pessoas com transtorno esquizofrênico.

Este estudo veio esclarecer a respeito da problemática inicial que indaga a respeito de comportamentos disfuncionais relacionados a uma comunicação mal elaborada, em muitos casos, patológica entre membros familiares. É necessário, porém, mais estudos a respeito dessa temática, visto que Laing (1971 citado por Benoit, 1982), fala a respeito de uma possível transmissão psíquica desse fenômeno ao longo das gerações, o que não foi o objetivo desse trabalho, mas que pode ser aprofundado em uma próxima pesquisa a respeito do assunto em questão.

Referências

- Benoit, J. C. (1982). *Vinculos duplos: Paradoxos familiares dos Esquizofrênicos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boechat, I. T., Cabral, H. L. T. B., & Souza, C. H. M. (2015). A comunicação na família caracterizada pela pseudomutualidade e pelo duplo vínculo. *Revista Transformar*, 7a ed.
- Costa, I. I. (2003). *Da fala ao sofrimento psíquico grave: Ensaio acerca da Linguagem Ordinária e a Clínica Familiar da Esquizofrenia*. Brasília: Positiva/ABRAFIPP.
- Lima, R. F. F., & Morais, N. A. (2015). O sentido de família para adultos em situação de rua. In C. Sutter, J. S. N. F. Bucher-Maluschke, & J. da S. Pedroso, *Família e vulnerabilidade social: pesquisas e intervenções* (pp. 71-87). Curitiba: Appris.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento* (Jurema Alcides Cunha, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morais, G. F. & Rondina, R. C. (2007). A dinâmica da comunicação na família e o surgimento de sintomas psicóticos em esquizofrênicos. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, São Paulo, 9.

- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos* (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Satir, V. (1967). *Terapia do Grupo Familiar* (Achilles Noll, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves.
- Velho, O. (2007). Epistrophê: Do Duplo Vínculo às Antinomias e de Volta. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisando conceitos. In A. Wagner, *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (pp. 19-38). Porto Alegre: Artmed.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (2008). *Pragmática da Comunicação Humana* (19a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Yngaunis, S. (2011) *O duplo-vínculo e triângulo perverso na dinâmica relacional das organizações*. São Paulo.